

O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Este jornal publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem ler e quizerem receber-o na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas (que fica a arbitrio quanto á importancia, não excedendo de 2\$000 reis por trimestre.)

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno I.

Theresina 28 de Outubro de 1868.

Numero 7

O AMIGO DO POVO.

Theresina, 27 de Outubro de 1868.

Quando um homem do povo chega a dizer uma sandice, ou a commetter um disparate qualquer,— não falta quem ria-se delle; não falta quem lhe analyse a pobreza d'espírito, ou a acção de autómato.

Quando o homem de letras, ou de sciencias, commette um erro, ou não é sufficientemente claro em seus escriptos, de modo que todos o entendão; os criticos, bem ou mal intencionados, surgem de toda parte a apontar-lhe os defeitos, muitas vezes imaginarios. Mesmo os maiores sabios teem d'est'arte soffrido acres commentarios sobre os seus discursos, suas maximas, suas obras emfim: Galliléo foi até preso! . . .

Em resultado; entre o povo propriamente dito,— desde o analphabeto até o philólogo,— desde o rustico operário até o illustre investigador da natureza;— todos, sem excepção de um só, estão sujeitos á critica,— livremente exercitada por quem quer que supponha encontrar defeitos nas obras ou nas palavras daquelles,— pequenos ou grandes pela intelligencia.

A choupana, o tugúrio, a casa terrea, o sobrado, e o palaceté— podem ser moralmente accommettidos, ao mesmo tempo; o paço porem, nunca deve ser atacado, porque no paço mora o rei, e o que se faz no paço— jamais deve ser criticado; porque alli nunca se erra. . . nem mesmo sendo-se um miseravel servo, sem juizo nem dignidade.

E' que o erro não pode albergar-se no rico palacio aonde reside o monarcha, e o sabio; o diadema, e a razão; o sceptro, e o poder magico— de tudo fazer, acertada e miraculosamente, porque o sceptro tem o condão da vara de Moysés! . . .

David recebeu do ceo a inspiração; logo, todos os reis são inspirados. . . .

Salomão foi um monarcha sapientissimo; ergo, não se ha de encontrar um só que não seja— um prodigio d'intelligencia. . . .

Numa foi um grande legislador: a consequencia logica— é que não ha rei que o não seja tambem.

Antonino foi piedoso: segue-se d'ahi que todas

as testas coroadas não deixarão de sel-o escrupulosamente.

Alfredo d'Inglaterra; Otthon I d'Allemanha; Frederico II da Prussia,— forão grandes, conforme diz a historia; quem pois se atreverá a chamar— pequeno— a um rei qualquer! E' certo: não ha rei que não seja— *mito alto e muito poderoso!* . . . Não ha um só d'entre elles que não seja *magnanimo*; nem tam pouco se encontrará um só— que não seja *sabio, tres vezes sabio!*

Ora, se o rei é grande, magnanimo, sabio, inspirado &— nada deve ser-lhe censurado; porque o erro não pode *absolutamente* morar com elle: todos devem saber que o proprio erro personificado— respeita; venera e acata profundamente ao rei; pois não será capaz de illudil-o!

Áo *ungido do Senhor* não falta nunca a inspiração divina,— e por consequencia o rei só pode praticar o que fôr justo, bello, sublime! . . .

¿ Quem portanto se atreverá a criticar um rei ou ao menos a *etiqueta* que se observa em sua real morada; aonde cercão-n'o uma brilhante pléiade de fidalgos, gentis homens, estribeiros—móres, medicos da camara real & & &? Ninguem, ninguem, a não ser algum excommungado, se atreverá a fazer o menor reparo sobre o que se pratica nos regios aposentos ou na augusta presença de sua magestade *tal!*

Quem haverá, tão varridamente louco, que seja capaz de dizer que a *etiqueta* é pueril, ou que a sciencia profunda do *veneravel* cortezão— não passa de um miseravel meio de captar as boas graças do *sóberano?*

Mecenas não foi cortezão?

A etiqueta não é tão santa como os dogmas?! Tão antiga ou tão *archeologica* como os hieroglyphos?

Oh! ninguem, absolutamente ninguem,— a méritos que não seja um inimigo da religião e do throno,— se atreverá a blasfemar contra os usos e costumes da côrte.

Com toda a gravidade devemos, pois, tratar da etiqueta; que, para honra e gloria deste seculo chamado das luzes,— felizmente ainda se pratica em todas as partes do mundo, aonde se encontra testas coroadas.

O judicioso ceremonial é, pouco mais ou menos, o mesmo por toda parte; aonde quer que se torne necessario manter o verdadeiro prestigio da monarchia. . . .

Tão util e tão sublime invenção passou da Asia para a côrte dos duques de Borgonha, e d'ahi para a Hespanha que aperfeiçoou-a de um modo admiravel: foi desta ultima côrte que ella sahio, com todo o seu esplendor, para, nos demais paizes, fazer a inteira felicidade do genero humano, —dessa fidelissima humanidade amiga dos seus reis e senhores!

A etiqueta é nada menos que a liturgia desse culto racional, antiquissimo e assaz veneravel —que os cortezões tributão, debaixo de rigoroso preceito, á pessoa inviolavel e sagrada do *deos da terra*; que, n'alguns venturosos paizes, como bem no Brasil, — vê-se conduzido debaixo de palio, nas recepções sollemnes.

Vejamos, ligeiramente, como é que ella se pratica, a inelyta etiqueta; resumbrando a quinta essencia do engenho humano. . . .

No imperio de Birman, só aos nobres é permitido pronunciar o nome do poderoso imperante; que vem a ser assim (que impiedade?) mais respeitavel que o proprio Deos! . . . E se acontece que algum atrevido plebeu ouse profanar, *com labios tão vis*, o augusto nome dos Mendch Men, é punido immediatamente com pena de morte!

No imperio do Brasil, beija-se affectuosamente a mão do adorado *patriarcha* que tem milhões de filhos de todas as côres! E deante de seu simples retrato, nos dias de grande gala, deve qualquer homem *licre* arquear o dorso; imitando graciosamente —o camello que, tendo por albarda uma casaca preta, fosse com ella mirar-se ao espelho! . . .

Em Portugal entõa-se a oração *por felici partu*, quando a rainha chega ao 7.º mez de gravidez. Isto, na verdade, deve ser considerado como inteiramente indispensavel a uma *previdenciadissima* senhora, que sem as orações de todos os padres, nas 4000 parochias do reino, durante tres dias, —ou viria a ser mãe do mesmo modo vulgar que uma mulher plebéa, o que seria um absurdo inqualificavel; ou então correria ella o risco certo, infallivel, de succumbir quando d'esse a luz ao ente *divinisado* que, se não fôra a salutar intervenção dos levitas, —ao transpor o limiar da vida carregaria logo com a culpa da morte de sua propria mãe; tornando-se fatalmente um monstro, máo grado seu, logo ao nascer!

Mas, será com effeito necessario incommodar ao Ente Supremo com mais de 12 milheiros de orações, para que, sem o menór perigo, possa ter logar o extraordinario acontecimento do nascimento de um principe?

Não é elle, simplesmente, um menino —como outro qualquer?

Ora, se fosse indispensavel 12:000 orações para que pudesse nascer um menino, aconteceria que só n'uma cidade, em Londres, por exemplo, no anno de 1860, teria-se resado 1:065:996:000 orações,

dedicadas exclusivamente ao feliz successo das parturientes!

Entretanto, a etiqueta quando prescreve aquella formalidade da oração —*pro felici partu* —é por que ella é com effeito indispensavel, tratando-se de gente que tenha sangue real nas veias!

A etiqueta sabe o que faz, quando recommenda que se reze a oração *pro felici partu* em todas as egrejas de um reino. A natureza dizem que tem sentimentos democraticos e que não adula a ninguem, por mais nobre que seja a sua linguagem: a etiqueta dirige pois *cartas de empenho* aos altos céos (que impiedade, para não dizer que desaforo?) rogando que a *rainha* nossa senhora, que é de origem *divina* (!?) seja tratada com especial agrado pela rigida natureza que tem a ousadia de não reconhecer as pessôas de alta hierarchia, para tratá-las com urbanidade, com carinho até. . . .

Os que fallão contra a etiqueta não sabem o que dizem: é ella uma instituição tão santa que os proprios reis teem sacrificado suas vidas preciosissimas —por amôr d'ella.

Pois não!

Philippe III d'Hespanha fez muito bem quando se deixou assar, por assim dizer, —como se fosse um leitão (perdõem-nos a comparação culinaria) —quando não se atreveo a afastar-se grosseiramente do magnifico *braseiro* que aquecia um retrete de seu palacio de Buen-Retirô, n'uma tarde de primavera do anno da graça de 1621.

Com effeito, um neto de Carlos V, devia assim morrer, gloriosamente, no seu posto de honra, sem infringir as sabias disposições da etiqueta, —essa instituição salutar, engenhosa e divina —que sómente impios poderião achal-a incompativel com a razão e dignidade humana!

Fallemos sério; a etiqueta parece ter sido inventada pelo homem mais pensador do mundo; pelo Newton da elegancia cortezan!

Deante de tão bello achado, —deante das regras symetricas da etiqueta, —o vapor, a electricidade, a propria luz. . . empallidecem; posto que houvesse uns pobres *idiotas* que applicassem tudo isto proveitosamente aos barcos, ás locomotivas, aos telescopios e aos prismas, —que entretanto são cousas de bem pouco valor, perante o bom senso que esquadrinhou todas aquellas regras d'um regio ceremonial!!!

PARTE SYNTHETICA.

Maximas e pensamentos.

A verdadeira sabedoria consiste no modo de bem viver; tornando-se charo á familia, —prestavel á patria, —util á humanidade.

Não confies demasiadamente nos outros; e chega até a desconfiar de ti mesmo, nas occasiões supremas, quando o interesse faça as vezes de serpente no paraíso.

A traição e a ingratição são acções—cada qual mais negra: ellas dão logar a um problema talvez insolúvel: Qual dos dois é mais infame,—o traidor ou o ingrato?

O homem não é mais que uma lagarta imbecil; seu cadaver—uma chrysalida immota; sua alma—uma grande borboleta d'azas candidas, azues, ou negras!

**

Entre os povos, as molestias mais contagiosas e mortíferas—hão feito menos estragos do que a *ambição*.

A *dança* é uma etiqueta nos salões de baile; a *etiqueta* é uma dança nos palácios da côrte, aonde a lisonja serve de orchestra.

Os reis parecem ser *monumentos vivos*; mas, é porque os povos lhes servem de pedestal: desaparecidos, nem sempre valem a pena de ser contemplados.

A natureza poz notavel differença entre os ossos do rato e os do elephante; sendo que os do primeiro não prestão para nada, e os do segundo servem para obras de custoso ornato. Entretanto, não existindo a mesma differença entre os do homem do povo e os de um soberbo monarcha,—acontece que os d'aquelle são tidos na mesma conta que os de um ratinho; ao passo que os do rei—são considerados como uma preciosidade eburnea!

TRANSCRIPÇÕES.

DA VILEZA.

Do medo de todos na tirannia nasce a vileza dos mais. Mas os vis em grau supremo são necessariamente os que se avizinhão mais ao tiranno, isto é, a fonte de todo o medo activo e passivo. Grandissima por tanto é, a meu ver, a differença entre a vileza e o medo.

Póde o homem generoso, por suas fataes circumstancias, vêr-se obrigado a temer; mas temerá com certa dignidade; quero dizer, temerá callando, fugindo até do aspecto d'aquelle, que aterra a todos, e chorando só comsigo, ou com poucos a elle simillhantes, a necessidade de temer e a impossibilidade de acabar ou remediar um tão indigno temor. Ao contrario, o homem já vil por natureza, fazendo gala de seu temor e occultando-o com a mascara infame de um fingido amor, procurará chegar-se e identificar-se com o tiranno; e deste modo tentará o iniquo—diminuir em si o temor, e centuplical-o nos outros.

Com o que me parece bem demonstrado que, na tirannia, inda que todos envilecidos estejam,—nem por isso todos são vis.

(Trat. da Tirann. por *Alfieri*.)

A monarchia no Brasil.

A monarchia no Brasil é uma traição de um homem sedento dos gozos da realeza.

O Brasil, descoberto por acaso por um portuguez, pertencia a Portugal, como se por ventura não pertencesse aos indios, como Portugal pertencia aos portuguezes.

De colonia passou a vice-reinado até que o rei João VI, o mais cobardé e miseravel de quantos reis tem havido, fugindo de Lisboa por intimação do ministro inglez, entrou tremendo de mêdo na cidade do Rio de Janeiro em 1808.

A vinda d'esse velho corrompido foi fatal para o Brasil. A semente estragada não germina plantas viçosas.

Pedro, filho desse rei indigno e mofino, quiz tambem ser rei. Improvisou a independencia, para ser seu verdugo.

Si não tivesse havido a independencia, o Brasil seria governado pelo mesmo Pedro por morte do tal João VI; ora, com a independencia ficou o mesmo Pedro governando; logo, a independencia foi apenas um nome; não representava o grandioso pensamento da *Liberdade*. Pedro foi pois um traidor.

Declarada a independencia elle devia esperar que o *Povo* escolhesse não só a sua forma de governo, como tambem o seu chefe. Assim não foi.

Pelo contrario, tudo foi imposto: Independencia, forma de governo, e chefe!

O paiz precisa rehabilitar-se aos olhos da raça da America.

Deus lhe inspire os meios de alcançar essa rehabilitação moral, constituindo-se em *Republica Federativa*.

(Extrahido da *Fôrminga* n. 3.)

COMMUNICADO.

O jornal—*Piauh*y—orgão do partido conservador desta provincia, no numero 46 de 24 do corrente mez, depois de publicar o celebre protesto do Sr. Antonio Joaquim Portella Lima, acerca da eleição que o juiz de paz Quirino, de S. João do Piauh, presidiu clandestinamente, na igreja matriz de Oeiras; não poude occultar a má vontade que vota ao Sr. tenente-coronel Jesuino Luiz da Silva Moura, escrevendo o seguinte:

« O Sr. tenente-coronel Jesuino Moura, que tanto barulho tem feito na—*Imprensa*—, é um dos homens mais perigosos que ha no municipio de Oeiras. Seu nome tristemente celebre em todos os negocios politicos daquelle localidade, faz-se recommendavel a S. Exc. por mais de um titulo, que reclamão da parte do governo serias precauções.»

O despeito e somente o despeito moveo a redacção do « *Piauh*y » a escrever tão maliciosas palavras em relação ao Sr. tenente-coronel Jesuino, porque jamais poderá apresentar factos que justifiquem sua cavilosa asserção: no entretanto, forçoso é confessar que a gente do « *Piauh*y » aproveitando a occasião do protesto do Sr. Portella, pretendeu apresentar o Sr. tenente-coronel Jesuino, ao publico, como um homem perigoso.

O que porem chega ao alcance de todos que conhecem aquelle piauhense é que a gente do « *Piauh*y » estando bem certa do prestigio politico de que merecidamente goza elle, sendo como é um dos importantes chefes do partido liberal da velha Oeiras, e que dispõe de bastante

popularidade, de modo a causar inveja aos vermelhos d'ali, não pode escapar á maledicencia de taes Srs.

Liberal sincero, dedicado a seus amigos, o Sr. tenente coronel Jesuino não pode de maneira alguma agradar á redacção do « Piahy » e portanto procura atirar-lhe qualidades que não tem; ao passo que perfeitamente sabem que quem se torna recommendavel, como perigoso, por mais de um titulo, de modo a tornar celebre seu nome, é por sem duvida o moço audacioso que teve a *ingenuidade* de declarar que pretendia fazer um assassinato, por meio de um revolver, na pessoa de alguém que talvez o não conhecesse.

Digno de serias precauções é quem, investido da autoridade, tem um bacalhão e faz garbo de com elle dar nos seus adversarios politicos.

De serias precauções é finalmente digno o delegado de policia que, acompanhado do subdelegado seu instrumento, afirmou a antiga capital no dia 7 de Setembro, procurando meter o povo a scenas de verdadeiro canibalismo.

Therézina, 26 de Outubro de 1868.

PARTE NOTICIOSA.

Bibianopolis.—Dizem que o sultão Mahmoud II gasta diariamente, com a sua augusta pessoa, cerca de 4:000 sequins zermahbouds de Selim III (cada uma dessas moedas de ouro vale de 2 a 3\$000 reis) e que, de sua parte, a sultana validé gasta pelo menos um cento daquellas moedas, em algumas horas.

É um desperdicio extraordinario! Com mil sequins alimentar-se-hia mil familias que pertencessem ao povo...

O *defterdar* (ministro da fazenda) para mostrar qual é a opulencia da Turquia tropical, dizem que vai espalhar 10000 contos phantasticos; isto é, contos de papel que vem a ser o mesmo que os das Mil e uma noites!

Agora, querendo parodiar ao grão vizir Sokoli; o actual *defterdar* pode affirmar, com a mesma verdade com que no Brasil se filli em *liberdade de voto*,—que: « É tal a riqueza do imperio que os navios de guerra podem ter couraças de prata e âncoras de ouro! »

Quadro doloroso.—Eis aqui um topico que desejavamos poder applicar á *insensivel* consciencia do sultão, que não sente as dores do pobre povo que o supporta com resignação evangelica. É extrahido da *Imprensa* n. 169:

«...Uma...escolta...dirigto-se para os Patos (lith de Oeiras)... distante do Riacho Pequeno uma legua, e ali prendendo um aggregado da fazenda o conduzio para o *deposito geral*. Opprimido por grossas cordas que lhe arrechavam os braços, as costas e o pescoço—o misero preso cahiu sem sentidos e quasi fallece estrangulado.»

E diz-se que a Turquia americana é um *paiz livre*!... Em nome da Liberdade, maldita seja a *montanha ignivoma* que jaz no dorso do desgraçado gigante de cem braços! Maldito o governo que tyrannisa o povo.

Diluvio imminente.—A 26 do corrente mez, soubermos da existencia das famosas profecias de um derviche (especie de monge musulmano) chamado Zuzah-Mustaphá; as quaes resumem-se n'estas palavras:

« O rio que passa por esta cidade de Theresopolis, em menos de 100 dias irá desembocar nos quartéis, aonde o *agá* (commandante turco) será convertido n'um enorme *para-fui* (que termo tecnico!) ou paraíso hydraulico, destinado a fazer refluir as aguas do magestoso *Paraná-Ahyba*.

« Então, os Gregos debalde procurarão refugiar-se na sua acrópole (cidade-ella); porquanto serão todos afogados no dia seguinte ao de São Francisco de Salles: não escaparão nem mesmo os Deucaliões, quando por ventura os haja.

Salvar-se-hão os musulmanos, miraculosamente, viran-

do peixes vermelhos (piranhas?) na occasião do horrroso cataclismo!

« Verão isto tudo, d'aqui a 96 dias; numero symbolico, que recorda as horas de governo do *Dormente acordado* ou daquelle celebre pachá das suissas grisalhas!

« Verão mais, na occasião do diluvio, como é que uma lamprêa togada, náda contente, sulcando as aguas *badernicamente*; parecendo assim uma serpente lymphatica, no meio da alluviaõ....

« Essa lamprêa dará ordens ao *para-fui*: a machina rodará nos calcanhares... e lá se vai tudo com a bréca!

O mundo virou.—O major Amaro, morto ha um anno, acaba de ser nomeado 1º supplente do subdelegado de Pastos-Bons (Maranhão). Um defunto policiando os vivos—era cousa que ainda não tinhamos visto! *O mundo virou*...

Quadros—Um pintor grego, residente em Theresopolis, segundo nos consta, pretente offerecer ao imperador do Brasil—dois magnificos quadros, de sua invenção e fino pincel.

Eis o que representam os ditos quadros, que alguns dizem ser puramente allegoricos.

O 1º tem habilmente desenhado um bello Phenicio, cujo rosto se parece com o desses pequenos retratos que se vendem nos correios; o Phenicio tem nas mãos um tecido de lã, meio tinto de *púrpura*: proximo, conserva-se em attitude petulante—um cão de focinho *vermelho*, illusoriamente parecendo estar ferido: a castado delle e junto ás bordas do mar, acha-se um grande *múricé* completamente esmagado, que, ao espadanar a sua preciosa materia colorante, imprimio nas folhas d'um arbusto da *praia* os seguintes numeros mysteriosos—1848—1868—que algum poderá suppor que sejam annos A. J. C. e que signifiquem a data da descoberta da *púrpura*....

O 2º quadro representa um altar ou especie de throno, feito de *coral*; tendo sobre elle *Lençóes* fumejantes: no meio vê-se uma *Bahia* de sangue, lavando uma *Lage* que serve de pedra d'ara. Ao redor, sacrificando victimas, conta-se 7 sacerdotes, vestidos de samarras de escarlata...

O Sr. D. Pedro II, amador apaixonado das *bellas artes*, como os Medicis,—verá esses, e outros semelhantes quadros, com muito especial agrado: é elle um esthetico profundo!

Delicadeza.—Agradecemos a dos illustres redactores da *Opinião Nacional*, *Correio Noticioso*, *Opinião Liberal*, *Tribuna*, *Partido Liberal*, *Democrata Pernambucano*, *Popular*, e *Apreciavel*, e a dos distinctos ex-redactores do *Forum*, *Semanario Maranhense*, e *Liberal* do Ceará,—que se tem dignado trocar connosco seus interessantes jornaes.

Ultimamente recebemos tambem, dous numeros do *Aracaty*, jornal que se publica na cidade do mesmo nome: retribuiremos a delicadeza da illustre redacção.

Ao *Popular* da cidade de Santo Amaro (Bahia) agradecemos o generoso abraço que nos enviou com o seu n. 17.

Outro sim, ficamos sumamente pehorados ao muito illustrado redactor da *Opinião Nacional*, pela menção honrosa que se dignou fazer de nosso pequeno periodico,—naquelle importante orgão da imprensa liberal do imperio.

Por via de regra, as redacções de 1ª ordem são orgulhosas, e costumão desdenhar os jornaes de pequeno formato, como é o nosso. Entretanto, a *Opinião Nacional* é uma nobre excepção daquelle classe; fraternizando com humildes escriptores como nós.

Finalmente, dirigimo-nos tambem ao *Correio Noticioso* da Parahyba do Norte, agradecendo-lhe cordialmente—a honra que nos fez de transcrever, em suas sympathicas columnas (aonde sempre se encontra selectos artigos dos principaes jornaes do imperio),—varios dos nossos escriptos, que por sem duvida não mereciam tanto.

Errata.—A pag. 2, col. 2ª lin. 11, leia-se *linhagem*, e não *linguagem*.

Therézina — Impresso na Typ. da « Imprensa » — 1868.